



Recebido em:  
04/08/2017  
Aprovado em:  
05/08/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## **O GRUPO DE ENCONTRO COMO POSSIBILIDADE DE APRENDIZAGEM PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUSTIMO – TEA: O que dizem as mães sobre a utilização dessa técnica com seus filhos**

GIULIANA BEZERRA DE ANDRADE  
JULLIANA CÍNTIA DE OMENA NICÁCIO  
DILMA CARMEM COSTA DA SILVA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar a utilização do grupo de encontro como uma possibilidade de aprendizagem com crianças com TEA, de modo a compreender como ocorre a aprendizagem em um grupo de encontro com pessoas com TEA, tomando como referência o olhar das mães, responsáveis pelas crianças atendidas. A metodologia de pesquisa utilizada nesse estudo foi de abordagem qualitativa com base nas ciências humanas e sociais. Dessa forma, pode ser caracterizada como sendo uma pesquisa descritiva, exploratória e de campo. O local de realização desse estudo foi a Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação Especial e Inclusiva, situado na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus VIII com a participação de quatro mães de crianças diagnosticadas com TEA. O principal instrumento de coleta de informação utilizado foi a entrevista, utilizada para compreender melhor o objeto de estudo em questão. Dessa maneira, os resultados da pesquisa permitem afirmar a partir das observações e entrevistas realizadas com as mães que o grupo de encontro pode ser considerado e utilizado como possibilidade de aprendizagem para crianças com TEA, sobremaneira se destacando como ferramenta diferencial para a socialização, convívio e aprendizagem, respeitando acima de tudo as suas individualidades.

**Palavras-chave:** Grupo de Encontro, Aprendizagem, Socialização, TEA.

### **ABSTRACT**

The present study has as main objective to analyze the use of the encounter group as a possibility of learning with children with ASD, in order to understand how learning occurs in a group of meeting with people with ASD, taking as reference the mothers' Responsible for the children served. The research methodology used in this study was a qualitative approach based on human and social sciences. In this way, it can be characterized as a descriptive, exploratory and field research. The site of this study was the Research and Extension Nucleus in Special and Inclusive Education, located in the State University of Bahia - UNEB / Campus VIII with the participation of four mothers of children diagnosed with ASD. The main instrument used to collect information was the interview, used to better understand the object of study in question. In this way, the results of the research allow us to affirm from the observations and interviews carried out with the mothers that the encounter group can be considered and used as a learning possibility for children with ASD, especially being a differential tool for socialization, Learning, respecting above all their individualities.

**Keywords:** Group of Encounters, Learning, Socialization, TEA.

## INTRODUÇÃO

Ultimamente muito tem se falado sobre o Transtorno do Espectro Autismo - TEA, e em meio a isso, as diversas possibilidades de intervenções diante deste quadro. Desse modo, dialogar sobre grupos de encontro e o TEA de modo que ambos estejam juntos, pode parecer um tanto excêntrico. Isso devido há dois motivos iniciais, o primeiro é que pouco se fala sobre grupos de encontro ligados a área da educação, pois os mesmos são bastante conhecidos e utilizado em terapias. O segundo motivo é que pessoas que possuem o transtorno possuem como uma das características, a dificuldade na interação social, gerando assim a falta de interação social dos indivíduos com as outras pessoas.

O Transtorno do Espectro Autismo – TEA, de acordo com o DSM-V, apresentará em cada sujeito déficits na comunicação social e na interação, assim como, padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesse ou atividades. Isso significa que cada indivíduo apresentará tais características, porém, não da mesma maneira. Dentro delas, haverá a classificação entre leve, moderada e severa, onde algumas delas poderão aparecer de maneira mais significativa ou não em cada indivíduo.

Em meio a isso, a partir da minha participação como estagiária no Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação Especial e Inclusiva, desenvolvendo atividades dentro do projeto Girassol de 2012 até então, foi possível conhecer esse universo fascinante que é o autismo, despertando cada vez mais o meu interesse pela temática. E nesse caso, me considero privilegiada, uma vez que os momentos de planejamento e livros me permitiram conhecer as diversas abordagens teóricas, e o convívio diário com os participantes do Projeto possibilitou conhecer um pouco mais de perto todo esse universo que eles fazem parte, aprendizagem essa que sem a prática e a convivência, jamais teriam sido possíveis.

Considerando que o projeto oferece apoio educacional especializado para pessoas com TEA, e que a quantidade de participantes aumentou significativamente ao longo dos meses, acarretando assim um maior número de indivíduos por horário de acompanhamento. Esse trabalho é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação Especial e Inclusiva da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus VIII, tendo como principal objetivo entender como o Grupo de Encontro pode ser utilizado como uma possibilidade de aprendizagem para pessoas com Transtorno do Espectro Autismo – TEA.

Desse modo, o objetivo desse trabalho é analisar o grupo de encontro como uma possibilidade de aprendizagem para pessoas com TEA, de modo a compreender como ocorre a aprendizagem em um grupo de encontro com pessoas com TEA.

## 2 OS GRUPOS DE ENCONTRO COMO ELEMENTO CULTURAL

O homem como ser sociável e vive em grupo desde o nascimento, uma vez que família é o primeiro contato com grupo, e conseqüentemente o primeiro contato de interação social. Carl Rogers (2009) em seus trabalhos e pesquisas com grupo, afirma:

É evidente que houve e haverá sempre grupos, enquanto o homem sobreviver neste planeta. Mas estou empregando a palavra num sentido particular, o da minha opinião, a invenção social do século que mais rapidamente se difunde, e provavelmente a mais forte-uma invenção que tem vários nomes. (p. 01)

A esses vários nomes, definiram-se alguns tipos de grupo, que são conhecidos como: T - Grupo, grupos de encontro, grupo de treino de sensibilidade, grupo centrado na tarefa, entre outros. Aqui, abordaremos sobre “grupos de encontro, que são sustentados pelo pensamento lewiniano e a psicologia gestaltista e, por outro, a terapia centrada no cliente” (ROGERS, 2009, p. 05), terapia esta que foi criada pelo psicólogo Carl Rogers.

Segundo Rogers, o grupo de encontro “pretende acentuar o crescimento pessoal e o desenvolvimento e aperfeiçoamento da comunicação e relações interpessoais, através de um processo experiencial” (2009, p. 05). Isso significa que através do grupo os indivíduos poderão permitir que os outros conheçam o seu verdadeiro eu, e que se relacionem melhor consigo mesmo e com as outras pessoas.

Isso porque, “quanto mais alguém se torna consciente de quem ele é e do que está fazendo naquele dado momento,

maior será a liberdade que poderá experimentar para mudar e mais capaz se tornará de dar respostas adequadas” (RIBEIRO, 1994, p. 14). Por isso, o grupo de encontro tem como uma das suas bases a Gestalt, já que a mesma deseja “que a pessoa se torne ela mesma o quanto possível, pois gostamos e procuramos profundamente a sensação de completude, de plenitude, de unicidade” (RIBEIRO, 1994, p. 17).

Logo, em um grupo de encontro não é exigido que houvesse algum conteúdo teórico, inicialmente é necessário um facilitador e os participantes que irão compor o grupo. Jorge Ponciano Ribeiro, diz que “o grupo é um fenômeno complexo que se abre à compreensão do observador cuidadoso e curioso” (1994, p. 16), nesse caso, o facilitador terá duas funções extremamente importantes e significativas, cabe a ele o papel de facilitar o desenvolvimento de grupo e observar atentamente as atitudes e acontecimentos no desenrolar do grupo de encontro. O facilitador deverá proporcionar ao grupo segurança, permitindo assim a liberdade de expressão e evitando a auto defesa dos participantes.

O grupo sempre estará envolvido em processo de mudanças, e estas poderão ser internas e/ou externas. Isso porque a idéia do grupo é justamente essa, proporcionar mudanças em cada indivíduo, já que “o grupo é uma estrutura de interação, o que o torna uma unidade básica de trabalho, de investigação e de mudanças” (RIBEIRO, 1994, p. 43). Para que a aprendizagem aconteça, um ponto fundamental será a mudança e o interesse do indivíduo nessa aprendizagem. Sendo assim, em um grupo “o indivíduo acaba por se conhecer a si próprio e a cada um dos outros mais completamente do que o que lhe é possível nas relações habituais ou de trabalho” (ROGERS, 2009, p. 11).

Assim sendo, aos poucos os participantes vão se auto conhecendo, se soltando cada vez mais e deixando os sentimentos transparecerem de maneira sincera. Logo, “cada indivíduo contém o grupo e o grupo contém cada indivíduo” (RIBEIRO, 1994, p. 36), porque cada participante será parte fundamental no desenvolvimento de um grupo de encontro, e cada um deles acrescentará sempre nesse grupo.

Desse modo, segundo Ribeiro (1994) “o grupo, como um todo, é um espaço vital, onde cada elemento funciona como um vetor que atua no sentido de entrar e/ou de sair, dependendo do equilíbrio que se quer instaurar ou romper” (p. 38 a 39). Diante disso, o facilitador terá que ter um olhar atento, observando cada comportamento no grupo, porém, vale lembrar, sem determinar nada, pois é essencial que eles hajam de maneira natural e sincera.

Portanto, as mudanças poderão acontecer de maneira individual, isso porque através de um grupo de encontro, as pessoas começam a se perceberem melhor e descobrirem novas possibilidades; mudança na relação, já que acabam tendo uma percepção maior e automaticamente conseguem explicar melhor os verdadeiros sentimentos; ou a mudança na organização, justamente porque as organizações buscam um grupo de encontro para colher mudanças, porém, há casos em que as pessoas mudam bastante e as próprias instituições não mudam quase nada.

Isso é grupo de encontro, é trabalhar diante do incerto, mas acreditar que embora sem tantos planos, as mudanças irão aparecer, sejam elas as mudanças que desejáveis ou até mesmo aquelas que não se espera, mas que acontecerão, e que de alguma maneira irão acrescentar na trajetória de cada indivíduo.

### **3 GRUPOS DE ENCONTRO E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO**

Antes mesmo que qualquer autor contemporâneo abordasse sobre aprendizagem a partir de grupos, Vygotsky e Wallon afirmavam mesmo que de maneira indireta que a aprendizagem estará ligada com a experiência social que cada sujeito possui ou irá adquirir ao longo do tempo. Vygotsky será um dos autores da pedagogia que mais irá focar na interação social, levando em consideração não apenas o contexto ou o indivíduo, mas sim a interação entre eles.

São raros os casos de indivíduos que por algum motivo crescem ou vivem de maneira isolada, já que desde o início da vida compartilhamos de algum contato social, contato este que inicialmente virá dos familiares e posteriormente de outras pessoas. É essa interação social que Vygotsky afirma que “é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e lingüístico de qualquer indivíduo” (MOREIRA, 2014, p. 110), por isso é importante que o contato social em qualquer fase da vida não seja subestimado ou tampouco evitado.

Nesse caso, o “desenvolvimento está intimamente relacionado ao contexto sócio-cultural em que a pessoa se insere e se processa de forma dinâmica (e dialética) através de rupturas e desequilíbrios provocadores de contínuas reorganizações por parte do indivíduo” (REGO, 1995, p.58). Em meio a estas discussões, Vygotsky cria a Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP, que de maneira mais simplificada é:

[...] a distância entre o nível real de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro companheiro mais capaz (BAQUERO apud VYGOTSKY, 1998, p. 97).

Na ZDP, existirá o nível de desenvolvimento real, nele serão considerado as funções que a criança já domina, ou seja, aptidões que ela já consegue realizar sozinha, sem ajuda de outras pessoas. E o nível de desenvolvimento potencial, que também será levado em consideração o que a criança é apta a realizar, porém, dessa vez com a ajuda de outra pessoa.

É perceptível que em nenhum momento foi mencionando a palavra grupo nas teorias de Vygotsky, mas nitidamente percebemos o quanto suas teorias contribuem e influenciam no processo de aprendizagem de grupos. Embora saibamos que “seus mecanismos são difíceis de identificar, qualificar e quantificar com precisão” (MOREIRA, 2014, p. 110).

Além de Vygotsky, Piaget também levou em consideração a questão da interação no processo educativo, afirmando que “a inteligência humana somente se desenvolve no indivíduo em função de interações sociais que são, em geral, demasiadamente negligenciadas” (TAILLE apud PIAGET, 2014, p. 11). Ainda que o mesmo não aborde com tanta ênfase a aprendizagem relacionada a interação social, ele discorre alguns pontos interessantes em suas falas, e que precisam ser considerados.

Assim como Vygotsky e Piaget, Wallon enfatizará e se aprofundará na importância da interação social no processo de aprendizagem, posto que, como ele já afirmava, o ser humano é geneticamente social. Para Wallon, “a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa, quanto do conhecimento” (DANTAS, 2014, p. 85). Defendendo assim que o desenvolvimento de cada indivíduo não dependerá única e exclusivamente da predisposição genética, mas também do ambiente que o cerca, assim como da interação das pessoas com este indivíduo. “Isso significa que a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da Inteligência, e vice-versa” (DANTAS, 2014, p. 90).

Em um quadro de TEA, dentro das suas características, a falta de interação social irá prevalecer, o que dificultará as relações futuras destes indivíduos, assim como conviver nos mais variados espaços. Porém, muitos são os equívocos diante desta característica.

É importante mencionar, que todo indivíduo com TEA possuirá dificuldade na interação social, contudo, essa dificuldade estará presente de maneira diferenciada em cada um deles. “Na literatura, pouco se fala sobre a questão social do autista, ocorrendo, em maior número, as considerações a respeito das dificuldades ou da ausência de interação social” (ORRÚ, 2015, p. 40). Por isso a necessidade de buscar desenvolver essa habilidade, já que é perceptível que os mesmos gostam de se relacionar, só que na maioria das vezes não sabem como agir diante das mais diversas situações.

Lamentavelmente, a questão acerca do desenvolvimento social do autista não tem estado sempre presente nos programas de educação especial. O desconhecimento sobre o desenvolvimento social da pessoa com autismo percorre tanto a área educacional quanto a área clínica, evidenciando a falta de mais estudos para proporcionar-lhes melhor qualidade de vida. (ORRÚ, 2015, p. 41)

Desse modo, investir em grupos de encontro como uma possibilidade de desenvolver não somente a aprendizagem desses indivíduos, mas também a interação social de cada um deles, é proporcionar algo novo e enriquecedor, visto que cada participante de um grupo acrescentará no processo de aprendizagem de todos os outros.

#### **4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Segundo Gil, “pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” (2010, p.01). Desse modo, para iniciar uma pesquisa é necessário que o pesquisador possua questionamentos e o desejo de conhecer melhor e assim investigar o tema

pesquisado, sendo esse estudo de natureza qualitativa.

O espaço escolhido para desenvolver a pesquisa foi o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação Especial e Inclusiva da Universidade do Estado da Bahia –UNEB, Campus VIII. Localizado na Rua da Gangorra S/N, no bairro General Dutra, na cidade de Paulo Afonso – BA.

O Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação Especial e Inclusiva foi fundado em 2010, espaço ligado ao Colegiado de Pedagogia da própria universidade. Tendo como coordenadora a Pedagoga e Psicopedagoga Dilmá Carmem Costa da Silva, além da coordenadora o espaço conta com uma equipe composta pela Psicóloga Julliana Cíntia de Omena Nicácio, e estudantes do curso de Pedagogia da própria instituição.

Para realização desta pesquisa, foram escolhidas cinco mães de crianças que possuem Transtorno do Espectro Autismo. A escolha dessas mães levou em consideração o fato de ser parte do primeiro grupo de crianças cadastradas e desenvolvido no Projeto.

As crianças do grupo escolhido possuem entre quatro e cinco anos, sendo eles três meninos e uma menina. Três deles frequentam escola e também participam de algum acompanhamento terapêutico, seja com psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagoga ou outro tipo de profissional. Todos do grupo são crianças verbais, porém, duas destas crianças apresentavam certa dificuldade para dialogar, nesse caso, uma delas só emitia sons ou palavras desconexas, e a outra conversava pouco, sendo uma criança de poucas palavras. Já as outras duas, dialogam sem dificuldade alguma.

As crianças passaram a se conhecer após frequentarem o projeto. E foram se constituindo enquanto grupo, já que anteriormente eram acompanhados de maneira individual no projeto. Até que foi percebido a afinidade e o grande interesse de todos eles em estarem juntos, a partir desse momento, o grupo foi formado, e novas possibilidades foram surgindo, mudando um pouco a abordagem com as quatro crianças.

A técnica utilizada durante o processo de realização desta pesquisa foi a entrevista. A entrevista foi realizada com as mães das quatro crianças pesquisadas e com a coordenadora do projeto. A observação é parte fundamental em uma pesquisa de campo, pois é através dela que o pesquisador poderá conseguir dados sobre o objeto pesquisado.

Os sujeitos entrevistados contribuíram significativamente com a realização desta pesquisa, já que os mesmos se disponibilizaram sem maiores transtornos a responderem as questões da entrevista.

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social. (MARCONI E LAKATOS, 2010, p. 178)

Sendo assim, a entrevista teve papel fundamental, pois permitiu uma melhor compreensão diante do seu objeto de pesquisa. Porém, para elaborar a entrevista, é necessário que o pesquisador se mantenha focado no seu objetivo, para que através das suas perguntas, seja possível adquirir aquilo que se pretende, já que “a entrevista tem como objetivo principal a obtenção de informações do entrevistado, sobre determinado assunto ou problema”. (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 179).

## **5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA**

Após toda a abordagem teórica sobre o objeto de estudo dessa pesquisa, a análise de dados vem para permitir uma discussão e exploração das respostas coletadas através de cada entrevista realizada com as mães das crianças e a coordenadora do projeto. Desse modo, para Marconi e Lakatos (2010), a análise “é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre o fenômeno estudado e outros fatores” (p. 151).

Aqui, serão consideradas as falas das quatro mães sobre o trabalho desenvolvido em grupo com cada um de seus/sua filhos (a), conseqüentemente, ao longo das falas será percebido que além de comentarem sobre o que pensam do trabalho em grupo, acabam por citar pontos de conquistas das crianças pesquisadas a partir do trabalho desenvolvido. A pergunta feita a cada uma delas foi: Como você percebe o trabalho desenvolvido em grupo Para essa

pergunta, foi possível perceber que todas as mães conseguiram enxergar como positivo esse novo modo de trabalho. A exemplo disso, segue a fala da mãe “A”:

O trabalho em grupo com as outras crianças eu acho muito bom, porque como eles tem um pouquinho de dificuldade na socialização, quando eles fazem o acompanhamento com as outras crianças, ali eles vão criando vínculos, eles ficam amiguinhos.

Ao observamos a fala dessa mãe, é possível perceber inicialmente o relato da dificuldade na interação social. Considerando que essa dificuldade relatada é uma das características que compõe o TEA, e que “pouco se fala sobre a questão social do autista, ocorrendo, em maior número, as considerações a respeito das dificuldades ou da ausência de interação social” (ORRÚ, 2015, p. 40). Através desse relato dessa mãe, e da afirmação de Orrú, é notório que a maior parte dos materiais teóricos sobre o TEA, acaba focando apenas nas dificuldades ou falta de interação desses indivíduos, não visualizando a possibilidade existente da interação social entre essas crianças e o mundo a sua volta.

Assim, a alternativa de investir em grupos de encontro com crianças com TEA, é um investimento na vida social. As mães reconhecem a dificuldade na interação social, cada uma consegue perceber como o trabalho em grupo colaborou para a mudança desse quadro. Tendo como exemplo, a fala da mãe “B” que diz:

Muito bom, muito interessante. É uma coisa que ela pelo menos, tem dificuldade de interagir, mas no grupo ela interagiu super bem, não dá trabalho, assim de querer só pra si, pelo que eu vi divide as coisas, não tenho problema nenhum com ela com o grupo, muito bom, foi muito bom mesmo.

Considerando a resposta da mãe, é fácil fazer as ligações com as falas de Rogers em seu livro Grupos de encontro, já que o mesmo aborda várias mudanças provenientes da relação grupal, inclusive diz que:

Mudam os gestos. Transforma-se o tom das vozes, às vezes para mais forte, outras para mais suave, normalmente mais espontâneo, menos artificial, com mais sentimento. Os indivíduos mostram uma espantosa capacidade de solicitude e ajuda uns para com os outros. (ROGERS, 2009, p. 42)

Além das afirmações sobre os avanços na interação social de cada indivíduo, durante todo o processo de observação foi possível perceber cada fase na construção desse pequeno grupo. Desta maneira, “num grupo destes, o indivíduo acaba por se conhecer a si próprio e a cada um dos outros mais completamente do que lhe é possível nas relações habituais” (ROGERS, 2009, p. 11). Foi exatamente o que aconteceu com essas crianças, pois nenhuma delas se conheciam, cada uma com suas características dentro do transtorno do espectro autismo e suas personalidades. Pouco a pouco passaram a se conhecer, aprendendo sobre o outro, e sobre diversas outras coisas, tornando-se um grupo.

Tratando-se de pessoas com autismo, uma ação como essa seria o ponto primordial no desenvolvimento de cada indivíduo, e sem sombra de dúvidas, as conquistas seriam diversas. Uma vez que boa parte das abordagens educacionais esquece-se de promover situações em que os indivíduos possam se desenvolver enquanto pessoas, e não somente focar em habilidades específicas, que por vezes estão fora de contextualização com a realidade daquele sujeito.

## 5.1 MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO A PARTIR DO GRUPO DE ENCONTRO

Para desenvolver esse tópico, serão levadas em consideração duas perguntas feitas a cada uma das mães, sendo elas: Como você acha que foi a participação do seu filho nesse grupo E, você percebe diferença no comportamento do seu filho depois da convivência com o grupo

Tais questionamentos foram fundamentais para que através das respostas das mães fosse possível confirmar ou anular a ideia de que um grupo de encontro pode ser uma possibilidade de aprendizagem para pessoas com TEA. Para a primeira pergunta, todas as mães consideraram como positiva a participação de seus/sua filhos (a) no grupo, já na segunda pergunta, embora todas tenham afirmado que perceberam mudanças, inclusive citando alguma delas, uma das mães acrescenta que considera que um grupo de encontro tem seus pontos positivos e negativos.

Sobre esse tipo de consideração, Rogers menciona como uma das fases que irão fazer parte do processo grupal, chamando essa fase de “resistência à expressão ou exploração pessoais”, acrescentando ainda que “durante o período de hesitação, alguns indivíduos revelarão, provavelmente, atitudes bastante pessoais. Isto tende a provocar uma reação muito ambígua entre os outros membros do grupo” (ROGERS, 2009, p. 19). É exatamente isso que podemos observar na fala da mãe “A” que diz:

Em termos eu acho bom e acho ruim, porque as vezes ele dá uma dificuldade maior em trabalhar, por conta do grupo, porque ele tem as birras, ele é chorão, e como ta trabalhando em grupo, as vezes ele mostra essas birras dele, justamente por conta de um brinquedo que ele não quer dividir, por conta de que a atenção é voltada para outros.

Vejam bem, percebam que na fala da mãe, ela aponta vários comportamentos do seu filho, comportamentos esses que fazem parte da vida de qualquer criança, porque todas terão a fase de não aceitar dividir, de apresentar birras e várias outras atitudes, porém, o que na visão dela tem sido uma dificuldade ou ponto negativo no processo grupal, trata-se apenas de uma das suas etapas, e como Rogers diz (2009), “pouco a pouco, constrói-se uma sensação de comunicação autêntica, e a pessoa que até então esteve isolada dos outros, mostra um pouco dos seus verdadeiros sentimentos reais” (p. 10).

É possível perceber isso em outra fala dessa mesma mãe que diz, “Ah, a participação dele foi muito proveitosa. Eu acredito que cada dia mais que ele vai para o projeto, que ele vai melhorando, eu acredito que ele mostra o potencial dele com a ajuda de vocês do projeto”.

Não trata-se aqui, de tentar contradizer a fala dessa mãe, mas sim de mostrar que a mesma conseguiu perceber mesmo que de forma indireta ou não, uma das fases do processo grupal, todavia, não significa que todos os participantes de um grupo passarão por essa fase, mas, para aqueles que estão nela, cabe um olhar cuidadoso do facilitador do grupo, permitindo que aos poucos e com a ajuda dos outros participantes, esse indivíduo consiga mudar tais comportamentos.

Outra mãe comenta que, “no começo eu acho que ela teve uma dificuldade, mas quando ela conseguiu se adaptar, ela gostou muito” (Mãe “B”), pois bem, é comum que qualquer participante de um grupo de encontro possa sentir no começo estranheza e tenha suas limitações, e quando esse participante trata-se de uma criança num quadro de autismo, as dificuldades podem ser bem maiores.

As outras duas mães, consideram as participações dos seus filhos como boa, mencionando até mesmo as conquistas de aprendizagens de cada um deles. A exemplo disso, abaixo dois relatos:

Assim, a gente percebeu, não só eu, como o pai, a avó, que ele está mais atento, começou a obedecer comandos, por exemplo, a gente ta na cozinha pra comer, ele vai lá pega o prato, e antes ele não fazia isso, tudo dele era pra aponta, pra colocar a mão da gente em cima, hoje ele quer uma coisa ele vai lá e pega, a gente diz “vamos tomar banho, pegue a toalha”, ele vai lá e pega também, ele olha pra você, quando por exemplo a gente vem de casa e pega a minha mãe na frente da casa dela, quando ela olha pra ele, ele já fica rindo, coisa que antes não, antes ele não percebia, podia entrar quem quisesse no carro, ele nem olhava pra pessoa e agora não. (Mãe “D”)

Com esse relato, percebemos quão vantajosa pode ser um grupo de encontro como possibilidade de aprendizagem, ainda que algumas pessoas possam estar questionando-se se isso não se trata apenas de um processo terapêutico com esses indivíduos. “Pessoalmente, preferiria dizer que o grupo tem efeitos psicológicos promotores do crescimento. Isso evita as conotações da palavra terapêutico” (ROGERS, 2009, p. 138). É evidente que o processo de aprendizagem descrito pela mãe está em harmonia com a fala de Rogers ao descrever esse processo como promotor de crescimento.

O grupo de encontro foi uma inovação que trouxe muitos resultados positivos para vida de cada uma dessas crianças, assim como uma nova maneira de pensar as possibilidades de aprendizagem. Pois como é possível observar, “ocorrem mudanças na sensibilidade, na capacidade de dirigir os sentimentos, na direção da motivação, nas atitudes para com o eu, nas atitudes para com os outros e sua interdependência” (ROGERS, 2009, p. 138).

Logo, o processo de ensino aprendizagem de alunos com autismo carece de ser orientado pela perspectiva do desenvolvimento da linguagem, rompendo e transcendendo o ensino mecanizado de hábitos e a concepção reducionista acerca do desenvolvimento da aprendizagem deste aluno. Quando falamos de aprendizagem, entendemos estarem implícitas todas as formas de conhecimento, não nos limitando tão somente aos conhecimentos acadêmicos, mas a conhecimentos do cotidiano, abrangendo, inclusive, as ações de afeto e sentimento de valor. (ORRÚ, 2015, p. 103)

Dessa maneira, é preciso considerar não somente as aprendizagens acadêmicas de cada sujeito com TEA, mas também a autonomia que cada um deles poderão conquistar através dos processos de aprendizagem. É preciso lembrar que é necessário paciência e insistência para conseguir cada conquista, e que ainda “que o aluno não aprenda perfeitamente o que se busca ensinar, ele estará trabalhando sempre a interação, a comunicação, a cognição, os movimentos e outras habilidades” (CUNHA, 2016, p. 117).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa propõe e possibilita conhecer sobre grupos de encontro como uma possibilidade de aprendizagem para pessoas com TEA, visto que se trata de uma perspectiva nova, e que pra muitos poderia até não ser possível devido à consequência das características que abarcam o transtorno. Conviver com aproximadamente quarenta pessoas com TEA, sendo elas crianças, adolescentes e adultos, possibilitou conhecer um pouco desse universo que permeia o TEA, e junto a isso diversos questionamentos, bem como possibilidades novas para desenvolver a aprendizagem de cada uma dessas pessoas.

Uma das principais características do transtorno: a dificuldade na interação social. O que sempre despertou interesse, uma vez que as relações são fundamentais durante de todo o processo de aprendizagem. Analisando sobre essa característica, e encontrando até autores que digam que não se trata apenas de uma dificuldade, mas sim da falta de interação social.

Quanto ao objetivo de compreender como ocorre a aprendizagem em um grupo de encontro com pessoas com TEA, o ponto primordial aqui foi perceber como ocorre não somente a aprendizagem no seu sentido pedagógico, mas também considerar as aprendizagens sociais de cada uma das crianças pesquisadas. Isso porque é necessário lembrar que uma aprendizagem estará sempre ligada à outra. E nesse sentido, é viável confirmar que mediante a facilitadora que colabora com o desenvolvimento do grupo, bem como as crianças que compõem o mesmo, a aprendizagem ocorre na reciprocidade, cada criança do grupo colabora no processo de aprendizagem uma da outra, é fantástico perceber o quanto o grupo se reconheceu como tal, e como as próprias crianças ao longo dos acompanhamentos foram se desenvolvendo e mudando totalmente os seus comportamentos. Uma das aprendizagens mais significativas nesse grupo pesquisado foi a aquisição da interação social, conquista essa não se deu apenas entre os momentos que os quatro participantes compartilhavam no Projeto Girassol, mas na vida de cada um deles fora daquele espaço.

Por fim, essa pesquisa além de promover uma nova perspectiva para proporcionar aprendizagem para crianças com TEA, provoca que os profissionais, sejam eles educadores, psicólogos ou terapeutas, busquem se permitir sair do tradicional, uma vez que como mencionado mais acima, não existia acervo teórico sobre essa possibilidade e, no entanto ela foi desenvolvida de forma bastante exitosa, como afirmam as mães das crianças envolvidas nesse estudo.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIATION, American Psychiatnc. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento. **M294 Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno 5 - DSM-5**. Tradução Maria Inês Corrêa Nascimento. 5ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BAQUERO, Ricardo. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Tradução Ernani F. da Fonseca. 2ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática.

**Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Especializada e Temática. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

CUNHA, Eugênio: **Autismo e Inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 6ª Ed. Rio de Janeiro: WAK, 2015.

\_\_\_\_\_. **Autismo na Escola**: Um jeito diferente de aprender, Um jeito diferente de ensinar. 4ª Ed. Rio de Janeiro: WAK, 2016.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MOREIRA, Marco Antônio: **Teorias de aprendizagem**. 2ª Ed. São Paulo: E.P.U, 2014.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, Linguagem e Educação**: Interação social no cotidiano escolar. 3ª Ed. Rio de Janeiro: WAK, 2012.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt – Terapia**: O Processo Grupal: Uma abordagem fenomenológica, da teoria do campo e holística. 5ª Ed. São Paulo: SUMMUS, 1994.

ROGERS, Carl. **Grupos de encontro**. Tradução Joaquim L. Proença. 9ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Torna-se Pessoa**. Tradução Manuel José do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. 6ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

[1] Especializando em Transtorno do Espectro Autista pela FAC-Redentor e Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB Campus VIII. E-mail: giuliana.andrade@hotmail.com.

[1] Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus VIII. E-mail: psicju@hotmail.com

[1] Professora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus VIII. E-mail: dilmacarmemcs@hotmail.com.